

## PREVENDO O MEDO DO CRIME: evidências a partir de um bairro maceioense

*PREDICTING FEAR OF CRIME: evidences from a neighborhood of Maceió (AL, Brazil)*

Fillipi Lúcio Nascimento<sup>1</sup>, Jairo da Silva Gomes<sup>2</sup>

 **ORCID IDS**

Nascimento FL - <https://orcid.org/0000-0003-1478-534X>

Gomes JS - <https://orcid.org/0000-0002-0887-0452>

### Resumo

Neste artigo são apresentados os resultados de um estudo prospectivo conduzido com o objetivo de verificar a potencialidade preditiva de alguns fatores associados ao medo do crime expresso pela população do bairro maceioense de Benedito Bentes, o maior bairro da capital alagoana. A pesquisa compreende uma análise descritiva de dados primários a partir de um modelo estatístico de regressão linear multivariada. Apesar dos diferentes contextos que se inscrevem na realidade do bairro analisado, alguns dos indicadores selecionados para o estudo se apresentaram melhores preditores que outros em relação à sensação experimentada de medo, a saber, o sexo feminino, a raça/cor não-branco, a disposição de cão de guarda, a disposição de habilidades de autodefesa e o acesso à internet como fonte de informação sobre crimes.

Palavras-chave: medo do crime; insegurança; Maceió.

### Abstract

This article presents the results of a prospective study that intended to verify the predictive potential of some factors associated with the fear of crime expressed by the population of Benedito Bentes, the largest neighborhood of Maceió (capital of the state of Alagoas, Brazil). The research comprises a descriptive analysis of primary data based on a multivariate linear regression statistical model. Despite the different contexts that fit the reality of the analyzed neighborhood, some of the indicators selected for the study were better predictors than others in relation to the experienced feeling of fear, namely, the female gender, the non-white race/color, the disposition of watchdog, the disposition of self-defense skills and access to the internet as a source of information on crimes.

Keywords: fear of crime; insecurity; Maceió.

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pesquisador do Laboratório de Estudos de Segurança Pública (LESP/UFAL).

Autor Correspondente: [fillipi.nascimento@hotmail.com](mailto:fillipi.nascimento@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pesquisador do Laboratório de Estudos de Segurança Pública (LESP/UFAL).

## INTRODUÇÃO

Nos últimos dez anos, as taxas de homicídio no estado de Alagoas mostraram-se totalmente destoantes das taxas regional e nacional (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2019). Entre os anos de 2006 e 2014, por exemplo, Alagoas registrou as mais altas taxas de homicídio do país, oscilando entre 53,1 homicídios por 100 mil habitantes em 2006 para 71,4 em 2011 e 62,8 em 2014 (WAISELFISZ, 2014; 2004). O aumento do número de ocorrências nos municípios interiores contribuiu para o acréscimo da taxa estadual de homicídios, cuja variação esteve tradicionalmente associada à dinâmica da taxa da capital, Maceió (NASCIMENTO; GAUDÊNCIO, 2013). Estima-se um aumento de aproximadamente 89%<sup>1</sup> no número absoluto de homicídios nas cidades do interior do estado de Alagoas entre 1996 e 2016.

No ano de 2011, nove municípios alagoanos despontavam no ranking dos 100 municípios mais violentos do Brasil. Pilar, uma das cidades que integram a região metropolitana de Maceió, situava-se na 5ª posição à época, seguida pela capital, Maceió, na 8ª posição, e pelos municípios de Arapiraca (20ª), Rio Largo (32ª), Marechal Deodoro (39ª), São Sebastião (48ª), União dos Palmares (76ª), São Miguel dos Campos (81ª) e Messias (100ª) (WAISELFISZ, 2012 apud NASCIMENTO; GAUDÊNCIO, 2013, p. 115).

Em 2008, a taxa de homicídios da capital alagoana era de 100,9 casos por 100 mil habitantes, o que a situava na 1ª posição do ranking das capitais mais violentas do Brasil naquele ano (CERQUEIRA et al., 2018). Em 2013, Maceió despontava em 5º lugar no ranking das cidades mais violentas do mundo (UNODC, 2013). Até 2016, Maceió manteve-se na lista das 10 capitais mais violentas do país ocupando a 9ª colocação do ranking (CERQUEIRA et al., 2018). Em que pese os esforços vertidos, do ponto de vista prático, na diminuição das taxas de criminalidade na capital alagoana<sup>2</sup>; e, do ponto de vista analítico, na

compreensão das condições que sustentam a dinâmica dessas taxas, a sociedade maceioense convive com um constante e intenso sentimento de medo e de insegurança (MAJELLA, 2019).

Desde os anos 1970, nos Estados Unidos, pesquisadores têm se dedicado a compreender os efeitos do medo sobre a vida das pessoas, as relações que este sentimento reserva com o crime propriamente dito e os fatores que induzem o medo em uma dada parcela da população (SILVA; BEATO FILHO, 2013). No Brasil, a despeito de significativos avanços no tratamento do tema, os estudos sobre o medo do crime ainda são incipientes e, geralmente, limitam-se a descrever a relação entre variáveis sociais, individuais ou ambientais e a medida de medo; ou a identificar as formas de segurança mais comuns adotadas pela população em função da violência percebida (NASCIMENTO, 2019; CECCATO, 2011).

É preciso ainda considerar que parte das pesquisas desenvolvidas sobre o medo do crime se referem às grandes cidades brasileiras (dentre as quais se destacam São Paulo e Rio de Janeiro). São pouco expressivos os trabalhos que se dedicam a explicar as condicionantes do medo em pequenas capitais ou cidades interioranas, ou mesmo discuti-las a partir de um recorte intraurbano, isto é, a partir da perspectiva dos bairros. Parte dessa carência de estudos é explicada pela ausência de dados objetivos sobre distintos fatores inscritos nesses recortes. Tratam-se de potenciais variáveis a serem mobilizadas com o objetivo de compreender as formas que o crime e a insegurança assumem nessas localidades.

Neste artigo apresentamos os resultados de um estudo prospectivo cujo objetivo é o de verificar, a partir de uma abordagem quantitativa, a potencialidade preditiva de alguns fatores associados ao medo expresso pela população do bairro maceioense de Benedito Bentes, o maior bairro da capital alagoana. Procuramos estimar uma medida do efeito de fatores sociodemográficos, ambientais, de autoproteção, de integração comunitária, de avaliação institucional, de percepção da desordem social e de acesso à informação sobre o medo do crime relatado. Buscamos aferir, a partir da percepção do morador do bairro, o impacto das variáveis supracitadas sobre um indica-

1 Cálculo feito pelos autores sobre a somatória dos números absolutos de homicídio dos municípios alagoanos, com exceção da capital e dos municípios da região metropolitana de Maceió para os anos de 1996 e 2016.

2 Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019; 2015) apontam uma redução de 25,9% na taxa de mortes violentas intencionais da cidade de Maceió (AL) entre os anos de 2014 e 2018.

dor geral de medo.

Para além desta introdução, o artigo encontra-se estruturado em outras quatro seções: I) uma síntese teórica em torno do objeto de pesquisa, o medo do crime, de modo a expor os fundamentos que conduziram a seleção das variáveis utilizadas na presente pesquisa; II) uma descrição do método e das técnicas empregadas no estudo; III) a apresentação dos resultados e sua devida discussão; e IV) as considerações finais do trabalho.

## MEDO DO CRIME: UMA BREVE REVISÃO DA LITERATURA ESPECIALIZADA

Propostas como as de Henig e Maxfield (2017) e Valera e Guardia (2014), que apostam no argumento da multidimensionalidade do medo do crime, refletem um esforço analítico de lidar com realidades plurais constituídas por possibilidades de reação diante de situações de perigo e de ameaça. O medo do crime não adquire o mesmo formato entre os distintos grupos sociais, nem é estimulado pelas mesmas condições.

A revisão da literatura sobre o medo do crime indica que grande parte dos estudos trabalha com o indicador cognitivo do medo em detrimento de sua dimensão emocional. Isso ocorre pelo fato de a maioria dos bancos de dados disponíveis conter somente questões gerais de percepção de risco. Em termos práticos, embora a percepção de risco seja apresentada na literatura como uma variável dependente, uma parcela expressiva da literatura especializada enfatiza que o medo não é risco percebido, mas sua consequência.

A despeito de todas as interpretações em torno da natureza do medo do crime, neste estudo assumimos uma proposta semelhante àquela relatada por Cordner (2016), que estabelece um modelo conceitual mais abrangente envolvendo três componentes: um afetivo (avaliação emocional da situação de risco), um cognitivo (análise do potencial de dano diante da situação de risco ou percepção de risco) e um comportamental (condutas orientadas para a redução do risco). Entre esses três componentes engendram-se relações complexas de múltiplas dimensões

condicionadas por distintos fatores, alguns dos quais trataremos de abordar a seguir.

Parte dos estudos sobre “insegurança” ou “medo do crime” realizados no Brasil tende a superestimar o impacto dos eventos de desordem e dos principais índices de criminalidade (notadamente, a taxa de homicídios) sobre o sentimento de medo e a probabilidade de vitimização. Tratam-se de unidades distintas situadas em níveis distintos de análise. No entanto, como destacam Miceli, Roccatto e Rosato (2004), nem todos os crimes têm o mesmo impacto sobre a construção do medo. Além disso, tal como demonstrado por Ceccato (2011), o medo do crime em si não costuma estar diretamente relacionado aos índices de criminalidade.

Por outro lado, os eventos de desordem se mostram substancialmente associados à percepção de insegurança. Esse construto, identificado por Hunter (1978) e amplamente desenvolvido por teorias como a Teoria das Janelas Quebradas (WILSON; KELLING, 1982) e a Teoria dos Padrões Criminosos (BRANTINGHAM; BRANTINGHAM, 1993), forneceu aos estudos criminológicos uma das hipóteses mais frutíferas em relação à temática do medo do crime: quanto maior for a desordem percebida, maior será a preocupação com segurança (CECCATO, 2011).

A desordem pode ser de natureza física (depredação, por exemplo) ou social (consumo abusivo de álcool ou prostituição, por exemplo) (CECCATO, 2011; MICELI; ROCCATO; ROSATO, 2004). Na associação entre a percepção da desordem e o medo do crime, a tolerância social comporta-se como uma variável interveniente, de modo que quanto maior for o nível de tolerância em relação aos eventos de desordem, menos intenso será o sentimento de medo do crime. Autores como Villarreal e Silva (2006) interpretam o nível de tolerância social como principal indicador da “banalização da desordem”.

Fatores que se inscrevem no convívio comunitário também desempenham um papel fundamental na construção do medo do crime. Baixos níveis de confiança e disponibilidade vicinal, bem como de participação e de engajamento coletivos e a ausência de mecanismos de controle social se mostram fortemente associados à insegurança e ao isolamento

social. Tratam-se de consequências com efeitos cíclicos: por medo, as pessoas se isolam em suas casas, deixando de frequentar outros espaços, portanto, deixando de conviver com seus vizinhos. Ao o fazerem, elas se privam da possibilidade de reforçar os laços de afinidade que lhes serviriam no enfraquecimento da sensação de insegurança e na redução da distância social entre os pares (CORDNER, 2016; CRAWFORD et al., 2013; CECCATO, 2011).

Variáveis socioeconômicas reservam um alto potencial explicativo sobre a definição do sentimento de insegurança. No Brasil, diversos estudos apontam uma alta propensão à vitimização associada às variáveis “idade” (jovens e idosos sentem-se mais inseguros); “sexo” (indivíduos do sexo feminino sentem-se mais inseguros); “cor/raça/etnia” (não-brancos sentem-se mais inseguros); e “renda” (pessoas de baixa renda sentem-se mais inseguras) (SILVA; BEATO FILHO, 2013; BEATO; PEIXOTO; ANDRADE, 2004; BATISTA, 2003). No caso das variáveis “idade” e “sexo”, a propensão à vitimização está atrelada a uma dimensão da percepção de vulnerabilidade que é a da vulnerabilidade física. Tal como destacado por Lewis e Salem (2017), indivíduos que se consideram mais vulneráveis fisicamente tendem a experimentar o sentimento de insegurança de forma mais intensa.

No caso da variável renda, a relação entre medo do crime e vulnerabilidade possui um sentido material: uma renda mais elevada possibilita a aquisição de recursos que induzem à redução da probabilidade de vitimização. Em outros termos, indivíduos que possuem melhores condições financeiras são capazes de “investir” em serviços ou aparatos de segurança (câmeras, cercas elétricas, portões eletrônicos, entre outros), ou ainda, se mudar para regiões consideradas “tranquilas”. Por outro lado, os mais pobres, isto é, aqueles que não podem arcar com os custos da segurança privada, se veem, de fato, sujeitos ao risco de serem feitos vítimas de um crime (SILVA; BEATO FILHO, 2013; BEATO; PEIXOTO; ANDRADE, 2004; BATISTA, 2003). O reconhecimento do risco contribui significativamente para o sentimento de insegurança, principalmente, dessa parcela da população.

O esforço teórico em estimar a potência de predição da disposição de recursos e *skills* de autodefesa

ainda é muito pouco em relação àquilo que é desejável. No país, são escassas as pesquisas que avaliam o impacto da disposição de armas e de habilidades de combate sobre a percepção do risco e a sensação de insegurança. Neste estudo, buscamos explorar essa alternativa, sobretudo pela importância de se obter dados objetivos em relação às variáveis supramencionadas. Considerando a “apelo” que o discurso da flexibilização da posse e porte de armas angariou na campanha presidencial de 2018, reconhecemos a necessidade de verificar em que medida esses meios contribuem com o sentimento de segurança e atenuam o medo do crime.

A avaliação negativa da atuação das instâncias de segurança pública é outro elemento reconhecido pela literatura especializada como preditor do sentimento de insegurança. Este será tanto mais elevado quanto mais ineficientes demonstrarem ser as polícias e o sistema de justiça criminal (SILVA; BEATO FILHO, 2013; CAMINHAS, 2010). Nessa relação, é a percepção da impunidade a responsável pela potencialização da vulnerabilidade e indução ao medo. No âmbito institucional, estes dois efeitos seguem acompanhados de uma onda de descrédito que, a despeito de todas as aplicações políticas que possa ter, enseja reformas muitas vezes pouco úteis do ponto de vista da contravenção.

Os efeitos das representações da realidade social retratadas (ou construídas) pela mídia sobre a percepção de insegurança ocupam grande destaque em discussões acadêmicas (CORDNER, 2016; CRAWFORD et al., 2013). A ampla difusão de notícias sobre crimes contribui para a acentuação de medos, muitos deles infundados. Batista (2003) ressalta que os meios de comunicação em massa atuais, sobretudo a televisão, difundem campanhas de lei e de ordem que aterrorizam a população. Dessa forma, esses meios são essenciais para o exercício de poder de todo sistema penal, seja através de novos seriados, seja através da fabricação da realidade para a construção de indignação moral, seja através da construção de estereótipos de criminosos.

Ditton et al. (2004) afirmam que muito embora a relação entre dramatização da mídia sobre o crime e o medo do crime seja intuitivamente atrativa ela

é surpreendentemente infrequente. Os autores observam que, mesmo após estudos com uso de triangulação de metodologias qualitativas e quantitativas, não é possível verificar com precisão se de fato existe essa relação. No contexto brasileiro, a carência de dados quantitativos tem, de certa forma, inviabilizado estudos baseados em testes inferenciais que estimem os efeitos do acesso à notícias sobre crime pelos principais meios de comunicação (internet, rádio ou televisão, por exemplo) sobre a sensação de insegurança.

Reconhecida a infinidade de elementos que contribuem para a definição do medo do crime e da sensação de insegurança, mas delimitando os objetivos do estudo aos contornos teóricos sobre os preditores anteriormente descritos, passamos a relatar os procedimentos metodológicos desta pesquisa, sustentando a pretensão de identificar aqueles preditores a partir das percepções da população do bairro maceioense de Benedito Bentes.

## NOTAS METODOLÓGICAS

Ao considerarmos as restrições financeiras para a realização de um censo ou mesmo de um levantamento por amostragem probabilística aleatória simples em todos os bairros da capital alagoana, optamos por trabalhar com um único bairro, notadamente, o bairro de Benedito Bentes. A escolha desse bairro se deu de forma intencional, em função de suas dimensões (por se tratar do maior e mais populoso bairro de Maceió) e de seu extenso histórico de violência. Contudo, a seleção dos setores censitários, dos domicílios e dos entrevistados obedeceu a princípios probabilísticos aleatórios.

Para o cálculo da amostra utilizamos os dados do último censo (IBGE, 2010) a fim de verificar a população dos bairros<sup>3</sup> e elegemos um nível de confiança de 95% com uma margem de erro de 5%, tal como preconizado nos estudos quantitativos desenvolvidos no

3 Optamos por manter os dados do censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a despeito de uma suposta defasagem, por serem os únicos à disposição, uma vez que a prefeitura do município de Maceió não possui informações atualizadas sobre a população dos bairros da cidade. Em 2010, segundo o IBGE, a população do bairro de Benedito Bentes era de 88.084 habitantes.

âmbito das Ciências Sociais<sup>4</sup>. Com base nesses parâmetros, a amostra foi definida em 383 indivíduos.

Elaboramos um questionário estruturado em oito eixos, a saber: I) componentes gerais do medo do crime; II) perfil sociodemográfico; III) avaliação do espaço físico; IV) recursos de autoproteção; V) grau de integração comunitária; VI) avaliação institucional; VII) percepção da desordem social; e VIII) acesso a meios de comunicação. Realizamos um pré-teste entre os dias 1 e 18 de novembro de 2019, com 127 indivíduos, todos residentes do bairro de Benedito Bentes. Percebemos a necessidade de recodificar algumas variáveis a fim de obtermos um melhor ajuste aos modelos que pretendíamos examinar a partir da análise de regressão. Uma vez efetivadas as mudanças no questionário, realizamos uma nova aplicação, desta vez entre os dias 18 e 29 de novembro de 2019, com 138 indivíduos. Nesta segunda aplicação, os resultados mostraram-se significativos. Realizamos uma terceira aplicação do questionário entre os dias 2 e 6 de dezembro de 2019, com outros 245 indivíduos necessários para a composição da amostra previamente definida.

O primeiro eixo do questionário serviu para a composição da variável dependente do estudo. Buscamos desenvolver um modelo que conseguisse resumir consistentemente indicadores de alguns tipos de medo de crimes específicos com o objetivo de obtermos um fator geral de medo. Ponderamos seis tipos, quais sejam, o medo de ter a residência invadida; o medo de ser roubado; o medo de ser agredido fisicamente; o medo de ser assassinado; o medo de ser sequestrado; e o medo de ser agredido sexualmente. Esses fatores foram estimados a partir de uma escala de 0 a 100, sendo zero equivalente a “nenhum medo” e 100, a “muito medo”.

A Tabela 1 descreve o grau de correlação de cada um dos componentes do fator geral de medo.

4 Sendo a população de cada bairro selecionado inferior à 100 mil habitantes, recorreremos à fórmula  $A = (N \cdot no) / (N + no)$ , sendo “A” a amostra a calcular a partir de um universo “N” e de “no” enquanto resultado da divisão  $1/E^2$ , sendo “E” a margem de erro adotada, em sua forma decimal (no caso,  $5\% = 0,05$ ) (FIELD, 2009).

Tabela 1 - Análise da correlação dos componentes da variável dependente

Componente	Grau de correlação	Alfa de Cronbach
Medo de ter a residência invadida	0,732	0,722
Medo de ser roubado(a)	0,704	
Medo de ser agredido(a) fisicamente	0,628	
Medo de ser assassinado(a)	0,794	
Medo de ser sequestrado(a)	0,677	
Medo de ser agredido(a) sexualmente	0,735	

Fonte: elaborado pelos autores.

O fator geral de medo demonstrou-se consistente e atendeu aos critérios de confiabilidade, uma vez que seus seis componentes apresentaram coeficientes acima de 0,6, com um alfa de Cronbach<sup>5</sup> equivalente a 0,722. A proporção de variância explicada da correlação foi de 53,2%.

A Tabela 2 consiste em um sumário descritivo para o fator geral de medo, variável dependente utilizada nos modelos de nossa pesquisa.

5 O coeficiente alfa de Cronbach (Cronbach's alpha) é um indicador da confiabilidade e da homogeneidade dos componentes da escala, ou seja, da consistência interna dos itens. Para os estudos conduzidos no âmbito das Ciências Sociais, um coeficiente acima de 0,6 já é considerado adequado.

Tabela 2 - Estatística descritiva da variável dependente

Variável	Amostra	Mín.	Máx.	Média	DP
Fator geral de medo	383	0	100	57,64	33,317

Fonte: elaborado pelos autores.

Por sua vez, os eixos II a VIII do questionário serviram à composição das variáveis independentes do estudo. Para a definição do perfil sociodemográfico (eixo II do questionário), consideramos os atributos pessoais destacados no referencial teórico apresen-

tado. Os indicadores considerados no estudo foram sexo, raça/cor, idade, escolaridade e renda. Esses mesmos indicadores foram categorizados tal como disposto no Quadro 1.

Quadro 1 - Categorização dos indicadores do perfil sociodemográfico

Variável	Indicador	Descrição
Perfil sociodemográfico	Sexo	Avaliada em categorias, sendo Feminino = 1 e Masculino = 0
	Raça/Cor	Avaliada em categorias, sendo Branco = 1 e Não-Branco = 0
	Idade	Três faixas avaliadas por categorias: Faixa 1 - Jovens (16 a 24 anos) = 1 e demais faixas = 0 Faixa 2 - Adultos (25 a 59 anos) = 1 e demais faixas = 0 Faixa 3 - Idosos (60 anos ou mais) = 1 e demais faixas = 0
	Escolaridade	Quatro faixas avaliadas em categorias: Faixa 1 - Ensino Básico (completo ou incompleto) = 1 e demais faixas = 0 Faixa 2 - Ensino Fundamental (completo ou incompleto) = 1 e demais faixas = 0 Faixa 3 - Ensino Médio (completo ou incompleto) = 1 e demais faixas = 0 Faixa 4 - Ensino Superior (completo ou incompleto) = 1 e demais faixas = 0
	Renda	Avaliada em categorias, sendo Acima de 4 salários mínimos = 1 e Abaixo de 4 salários mínimos = 0

Fonte: elaborado pelos autores.

Parte das variáveis independentes apresentadas teve suas categorias recodificadas por reconhecermos a necessidade de um melhor ajuste dos modelos de regressão avaliados. Esta é a justificativa pela qual as variáveis “idade” e “renda” foram categorizadas em três e duas faixas respectivamente ao invés de serem coletadas abertamente em forma escalar. Para que chegássemos à definição dos modelos finais apresentados nesta pesquisa, realizamos uma série de testes com outros tipos de modelos e com outros tipos de recodificação das variáveis a fim de incluirmos aqueles que apresentassem melhor ajuste.

A exemplo do que foi feito para estimar a variável dependente, construímos um índice de avaliação

do espaço físico (eixo III). Esse índice é caracterizado por alguns aspectos infraestruturais da vizinhança do respondente. Selecionamos como componentes da avaliação do espaço físico a iluminação pública; os passeios e pavimentos; o esgotamento sanitário; a coleta de lixo; o acabamento das fachadas; e a conservação de espaços públicos comuns (praças, mirantes, corredores e afins). A qualidade de cada um desses itens é avaliada a partir de uma escala de 0 a 100, sendo 0 equivalente a “péssima” e 100, a “ótima”. No teste de confiabilidade, todos os componentes apresentaram coeficientes superiores a 0,6, com um alfa de Cronbach de 0,694 e uma proporção de variância explicada de 56,1%, como descrito pela Tabela 3.

Tabela 3 - Análise da correlação dos componentes de avaliação do espaço físico

Componente	Grau de correlação	Alfa de Cronbach
Qualidade da iluminação pública	0,802	0,694
Qualidade dos pavimentos e passeios	0,607	
Qualidade do esgotamento sanitário	0,612	
Qualidade da coleta de lixo	0,626	
Qualidade do acabamento das fachadas	0,718	
Qualidade da conservação dos espaços	0,786	

Fonte: elaborado pelos autores.

Também procuramos verificar em que medida a disposição de recursos de autoproteção (eixo IV) repercute sobre a sensação individual de medo do crime. Utilizamos seis tipos de recurso (selecionados a partir da frequência observada em estudos exploratórios anteriores): a disposição de cercas elétricas;

de portão eletrônico; de cão de guarda; de empregado de segurança privada; de arma de fogo; e de habilidades (*skills*) de autodefesa. Cada um dos componentes foi construído como variáveis dicotômicas, categorizadas em “dispõe” (=1) ou “não dispõe” (=0).

Quadro 2 - Categorização dos recursos de autoproteção

Variável	Indicador	Descrição
Recursos de autoproteção (eixo IV)	Cerca elétrica	Avaliada em categorias, sendo Dispõe = 1 e Não Dispõe = 0
	Portão eletrônico	Avaliada em categorias, sendo Dispõe = 1 e Não Dispõe = 0
	Cão de guarda	Avaliada em categorias, sendo Dispõe = 1 e Não Dispõe = 0
	Segurança particular	Avaliada em categorias, sendo Dispõe = 1 e Não Dispõe = 0
	Arma de fogo	Avaliada em categorias, sendo Dispõe = 1 e Não Dispõe = 0
	Habilidades de autodefesa	Avaliada em categorias, sendo Dispõe = 1 e Não Dispõe = 0

Fonte: elaborado pelos autores.

No caso da variável “grau de integração comunitária” (eixo V) também elaboramos um índice geral de integração, composto pelos itens “confiança entre vizinhos”, “disponibilidade entre vizinhos” e “engajamento para causas da comunidade”. Os componentes foram estimados a partir de uma escala de 0 a 100, sendo 0 equivalente a “sem confiança”, “sem

disponibilidade” e “sem engajamento”; e 100, a “plena confiança”, “plena disponibilidade” e “pleno engajamento”. No teste de confiabilidade, alguns dos componentes dessa variável apresentaram coeficientes inferiores a 0,6. Ainda assim, obtivemos um alfa de Cronbach de 0,612 e uma proporção de variância explicada de 51,2%.

Tabela 4 - Análise da correlação dos componentes de integração comunitária

Componente	Grau de correlação	Alfa de Cronbach
Confiança entre vizinhos	0,661	0,612
Disponibilidade entre vizinhos	0,646	
Engajamento para causas da comunidade	0,418	

Fonte: elaborado pelos autores.

A avaliação institucional (eixo VI), na forma da percepção da atuação das instâncias de segurança pública, também foi construída a partir de um índice geral. Os itens que integram esse índice são: Guarda Municipal, Polícia Civil e Polícia Militar. A atuação de cada uma dessas instituições foi avaliada a partir de uma

escala de 0 a 100, sendo 0 equivalente a uma “péssima atuação” e 100, a uma “ótima atuação”. Conforme descrito pela Tabela 5, no teste de confiabilidade todos os componentes apresentaram coeficientes superiores a 0,6, com um alfa de Cronbach’s de 0,836 e uma proporção de variância explicada de 60,8%.



Tabela 5 - Análise da correlação dos componentes de avaliação institucional

Componente	Grau de correlação	Alfa de Cronbach
Atuação da Guarda Municipal	0,629	0,836
Atuação da Polícia Civil	0,871	
Atuação da Polícia Militar	0,822	

Fonte: elaborado pelos autores.

A construção de um índice geral de percepção da desordem social (eixo VII) se deu sob a mesma lógica dos índices anteriores, isto é, partindo de componentes específicos estimados em escalas de 0 a 100. Selecionamos seis signos de desordem social, a saber: brigas, vandalismo, prostituição, consumo abusivo de álcool, venda de drogas ilegais e consumo de drogas ilegais, ambos relativos à vizinhança do res-

pondente. A frequência de cada um desses eventos, como dissemos anteriormente, foi estimada de 0 a 100, sendo 0 equivalente a “nula” e 100, a “constante”. No teste de confiabilidade todos os componentes apresentaram coeficientes superiores a 0,8, e um alfa de Cronbach igual a 0,911, com uma proporção de variância explicada de 84,1%, tal como descrito pela Tabela 6.

Tabela 6 - Análise da correlação dos componentes de percepção da desordem social

Componente	Grau de correlação	Alfa de Cronbach
Frequência de brigas	0,832	0,911
Frequência de vandalismo	0,896	
Frequência de prostituição	0,854	
Frequência de consumo abusivo de álcool	0,816	
Frequência de venda de drogas ilícitas	0,883	
Frequência de consumo de drogas ilícitas	0,895	

Fonte: elaborado pelos autores.

Por fim, a exemplo do que foi feito em relação à variável “recursos de auto proteção”, a estimativa do acesso a meios de comunicação (eixo VIII), com o objetivo de verificarmos os efeitos do acesso às fontes de informação sobre crimes na sensação de medo

dos respondentes, se deu a partir de três componentes, Televisão, Rádio e Internet, ambos construídos como variáveis dicotômicas, categorizadas em “com acesso” (= 1) ou “sem acesso” (= 0), tal como ilustrado pelo Quadro 3.

Quadro 3 - Categorização dos componentes de acesso aos meios de comunicação

Variável	Indicador	Descrição
Acesso a meios de comunicação (eixo VIII)	Televisão	Acesso avaliado em categorias, sendo Com Acesso = 1 e Sem Acesso = 0
	Rádio	Acesso avaliado em categorias, sendo Com Acesso = 1 e Sem Acesso = 0
	Internet	Acesso avaliado em categorias, sendo Com Acesso = 1 e Sem Acesso = 0

Fonte: elaborado pelos autores.

Finalmente, a Tabela 7 sintetiza a estatística descritiva para cada uma das variáveis independentes utilizadas.

Tabela 7 - Estatística descritiva das variáveis independentes

Variável	Amostra	Mín.	Máx.	Média	DP
Sexo (Feminino = 1)	383	0	1	0,53	0,497
Raça/Cor (Branco = 1)	383	0	1	0,43	0,495
Idade (Jovens = 1)	383	0	1	0,34	0,487
Idade (Adultos = 1)	383	0	1	0,62	0,482
Idade (Idosos = 1)	383	0	1	0,13	0,347
Escolaridade (Bás. = 1)	383	0	1	0,20	0,406
Escolaridade (Fun. = 1)	383	0	1	0,22	0,421
Escolaridade (Méd. = 1)	383	0	1	0,36	0,482
Escolaridade (Sup. = 1)	383	0	1	0,12	0,341
Renda (> 4 salários = 1)	383	0	1	0,20	0,399
Iluminação pública	383	0	100	44,02	42,33
Pavimentos e passeios	383	0	100	31,16	33,64
Esgotamento sanitário	383	0	100	20,38	31,57
Coleta de lixo	383	0	100	47,12	44,08
Acabamento das fachadas	383	0	100	36,98	36,01
Conservação dos esp. pub.	383	0	100	42,55	45,27
Cerca elétrica	383	0	1	0,37	0,485
Portão eletrônico	383	0	1	0,26	0,445
Cão de guarda	383	0	1	0,74	0,469
Segurança particular	383	0	1	0,19	0,397
Arma de fogo	383	0	1	0,10	0,316
Habilidades de autodefesa	383	0	1	0,12	0,349
Confiança	383	0	100	55,48	28,987
Disponibilidade	383	0	100	62,63	47,311
Engajamento	383	0	100	22,34	23,153
Guarda Municipal	383	0	100	33,54	34,112
Polícia Civil	383	0	100	41,01	33,980
Polícia Militar	383	0	100	78,91	85,222
Brigas	383	0	100	46,62	47,328
Vandalismo	383	0	100	88,22	74,351
Prostituição	383	0	100	33,64	33,688
Consumo abus. de álcool	383	0	100	67,97	65,241
Venda de drogas ilícitas	383	0	100	68,71	52,998
Consumo de drogas ilícitas	383	0	100	59,45	55,256
Televisão	383	0	1	0,98	0,728
Rádio	383	0	1	0,87	0,854
Internet	383	0	1	0,64	0,724

Fonte: elaborado pelos autores.

Recorremos à técnica estatística de regressão linear multivariada para examinar o potencial de predição das variáveis independentes selecionadas sobre o fator geral de medo. Segundo Caminhas (2010, p. 56), essa técnica é assim denominada porque

[...] envolve mais de um coeficiente de regressão. Já o termo “linear” indica que o modelo é linear em relação aos parâmetros  $\beta = (\beta_0, \beta_1, \beta_2, \beta_3, \dots, \beta_k)$  e não porque  $y$  é uma função linear dos  $x$ 's. Essa ferramenta possibilita a predição de valores médios ou da média esperada para variáveis dependentes definidas a partir de um conjunto de covariáveis determinado com base em um prévio conhecimento a partir da literatura existente e esforços para a operacionalização de conceitos.

Em outros termos, a regressão linear multivariada é utilizada quando o que se pretende é avaliar o grau de predição de uma variável de interesse  $Y$  (variável dependente) em função de  $k$  variáveis  $X$  (variáveis independentes). Assim, o modelo para avaliar essa relação pode ser descrito da seguinte maneira:

$$Y_i = \beta_0 + \beta_1 X_{i1} + \beta_2 X_{i2} + \beta_3 X_{i3} + \dots + \beta_k X_{ik} + \varepsilon_i$$

onde  $Y_i$  equivale à observação da variável dependente para o  $i$ -ésimo indivíduo;  $X_i = (X_{i1}, X_{i2}, X_{i3}, \dots, X_{ik})$  corresponde a um vetor de observação das variáveis independentes para o  $i$ -ésimo indivíduo;  $\beta = (\beta_0, \beta_1, \beta_2, \beta_3, \dots, \beta_k)$  consiste em um vetor de coeficientes de regressão; e  $\varepsilon_i$  compreende a um componente de erro aleatório.

Como dissemos anteriormente, neste estudo a variável dependente é o fator geral de medo do crime estimado a partir das percepções da população do bairro de Benedito Bentes. As variáveis examinadas como preditoras desse fator são sete, a saber, as características do perfil sociodemográfico; as características do espaço físico; a disposição de recursos de autoproteção; o grau de integração comunitária; avaliação institucional (atuação das instâncias de segurança pública); a percepção de eventos de desordem social; e o acesso a meios de comunicação como fontes de informação sobre crimes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo buscamos avaliar a capacidade preditiva de algumas variáveis em relação ao medo do crime expresso pelos residentes do bairro maceioense de Benedito Bentes. Reiteramos que o medo precisa ser pensado como algo que não adquire a mesma forma entre distintos grupos sociais, nem é estimulado pelas mesmas condições, o que, portanto, exige uma atenção redobrada por parte dos pesquisadores que se dispõem a compreendê-lo, em um amplo esforço de conceitualização e operacionalização. A justificativa para a construção dos modelos que examinamos a seguir se baseia na ideia de que todas as variáveis explicativas que os compõem foram destacadas na literatura especializada como significantes ou teoricamente relevantes.

A tabela 8 apresenta os resultados dos três modelos e ajustes da análise de regressão linear para o fator geral de medo. O modelo 1 apresenta todos os grupos de variáveis independentes (características do perfil sociodemográfico; características do espaço físico; disposição de recursos de autoproteção; grau de integração comunitária; avaliação institucional; percepção da desordem social; e acesso a meios de comunicação). No modelo 2 foram excluídas as variáveis cujos efeitos não se mostraram estatisticamente significantes a um nível de 5% ( $p > 0,05$ ). Em outros termos, as variáveis que não se apresentaram como boas preditoras do medo do crime no modelo 1 estão ausentes no modelo 2. No modelo 3, por sua vez, aplicamos o mesmo procedimento utilizado para o ajuste do modelo 2, excluindo outras variáveis. Nesse caso, contudo, buscamos verificar quais seriam as cinco variáveis com o maior poder preditivo para a sensação de medo, ou seja, a partir de alguns indicadores selecionados, buscamos responder quais seriam aqueles que, em última instância, dispunham de maior grau de associação com o medo do crime, tendo em vista o coeficiente de determinação ( $R^2$  ajustado)<sup>6</sup>.

A exclusão das variáveis de um modelo para outro permitiu um melhor entendimento acerca da importância relativa de cada uma das variáveis excluídas e das que permaneceram para explicação da sensação de medo.

6 O coeficiente de determinação, ou  $R^2$  ajustado, permite avaliar o grau de ajustamento da equação de regressão aos dados da amostra. Trata-se de um indicador da proporção explicada da variável dependente pelas variáveis independentes. Seu valor varia entre 0 e 1, de modo que um ajuste fraco resulta em um  $R^2$  igual a 0 e um ajuste perfeito resultaria em um  $R^2$  igual 1. Considerando que nas ciências humanas os objetos de estudo são muito complexos e pouco previsíveis, um  $R^2$  estimado em cerca de 0,20 já é considerado um bom ajuste.

Tabela 8 - Regressão linear multivariada do fator geral de medo do crime

Variável	Modelo 1		Modelo2		Modelo3	
	CNP	CP	CNP	CP	CNP	CP
<b>Constante</b>	24,6		28,8		30,7	
Sexo (Feminino = 1)	13,8**	0,18	13,8**	0,18	14,1**	0,19
Raça/Cor (Branco = 1)	-5,2**	-0,06	-5,2**	-0,07	-5,5**	-0,07
Idade (Jovens = 1)	-3,7**	-0,04	-3,8**	-0,04	-	-
Idade (Adultos = 1)	-4,5**	-0,06	-4,5**	-0,06	-	-
Idade (Idosos = 1)	-10,8**	-0,12	-10,8**	-0,12	-	-
Escolaridade (Bás. = 1)	-7,2**	-0,09	-7,3**	-0,09	-	-
Escolaridade (Fun. = 1)	-12,4**	-0,15	-12,2**	-0,15	-	-
Escolaridade (Méd. = 1)	-17,9**	-0,18	-17,0**	-0,17	-	-
Escolaridade (Sup. = 1)	-20,3**	-0,19	-19,8**	-0,18	-	-
Renda (> 4 salários = 1)	-5,3**	-0,04	-5,1**	-0,04	-	-
Iluminação pública	-0,82**	-0,06	-0,86**	-0,06	-	-
Pavimentos e passeios	-0,03	-0,03	-	-	-	-
Esgotamento sanitário	-0,01	-0,01	-	-	-	-
Coleta de lixo	-0,01	-0,01	-	-	-	-
Acabamento das fachadas	-0,38**	-0,02	-0,41**	-0,03	-	-
Conservação dos esp. pub.	-0,59**	-0,05	-0,60**	-0,05	-	-
Cerca elétrica	-4,4**	-0,03	-4,4**	-0,03	-	-
Portão eletrônico	-2,7**	-0,02	-2,7**	-0,02	-	-
Cão de guarda	-15,4**	-0,14	-15,6**	-0,14	-15,6**	-0,14
Segurança particular	-0,12	-0,02	-	-	-	-
Arma de fogo	-0,33*	-0,03	-0,33*	-0,03	-	-
Habilidades de autodefesa	-5,3**	-0,04	-5,3**	-0,04	-5,3**	-0,04
Confiança	-0,56*	-0,05	-0,58*	-0,05	-	-
Disponibilidade	-0,32*	-0,04	-0,35*	-0,04	-	-
Engajamento	-0,07	-0,05	-	-	-	-
Guarda Municipal	-0,19	-0,09	-	-	-	-
Polícia Civil	-0,56**	-0,05	-0,58**	-0,05	-	-
Polícia Militar	-0,88**	-0,07	-0,89**	-0,07	-	-
Brigas	0,35	0,03	-	-	-	-
Vandalismo	0,94**	0,07	0,95**	-0,07	-	-
Prostituição	0,23	0,02	-	-	-	-
Consumo abus. de álcool	0,04	0,04	-	-	-	-
Venda de drogas ilícitas	0,86**	0,07	0,88**	0,07	-	-
Consumo de drogas ilícitas	0,72**	0,06	0,80**	0,07	-	-

Televisão	2,4	0,03	-	-	-	-
Rádio	1,5	0,01	-	-	-	-
Internet	8,3**	0,07	10,1**	0,08	9,6**	0,08
	R <sup>2</sup> ajustado = 0,43		R <sup>2</sup> ajustado = 0,43		R <sup>2</sup> ajustado = 0,22	

\*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,01$ ; CNP = Coeficientes não padronizados; CP = Coeficientes padronizados.

Fonte: elaborado pelos autores.

A Tabela 8 descreve os efeitos do conjunto de variáveis explicativas sobre o fator geral de medo do crime. Esse fator foi estimado a partir de uma escala de 0 a 100, onde 0 representa “nenhum medo” e 100, “muito medo”. O fator geral é composto por seis indicadores (tipos de medo de crimes específicos), a saber, o medo de ter a residência invadida; o medo de ser roubado; o medo de ser agredido fisicamente; o medo de ser assassinado; o medo de ser sequestrado; e o medo de ser agredido sexualmente.

Podemos observar que todos os indicadores do perfil sociodemográfico dos respondentes se apresentam como fortes preditores do medo do crime. Em relação à variável “sexo” observamos que os indivíduos do sexo feminino possuem em média 13,8 pontos a mais que os indivíduos do sexo masculino na escala de medo do crime (conforme o modelo 1). Também percebemos que o fato de ser de raça/cor branco implica em uma redução de 5,2 pontos na escala geral de medo. Em outros termos, não-brancos experimentam uma sensação maior de medo do crime. Ambos os casos correspondem às principais conclusões da literatura especializada (CORDNER, 2016; CRAWFORD et al., 2013; CECCATO, 2011)

Talvez o achado mais interessante relacionado aos indicadores do perfil sociodemográfico dos respondentes está associado à idade. Podemos observar que, no contexto do bairro maceioense de Benedito Bentes, quanto maior a faixa etária, menor a sensação experimentada de medo do crime. Ser adulto (idade entre 25 e 59 anos) diminui em 4,5 pontos na escala de medo em relação às demais faixas etárias e, por sua vez, ser idoso (60 anos ou mais) reduz em 10,8 pontos nessa mesma escala. Esse é um resultado que contradiz parte dos trabalhos que exploram a relação entre idade e medo do crime (CECCATO,

2011). Tal achado implica dizer que há, ao menos no bairro de Benedito Bentes, uma maior concordância entre medo do crime e risco real de vitimização, uma vez que os grupos etários tradicionalmente mais vitimizados (jovens) são os que possuem os maiores índices de medo do crime.

Notamos uma associação negativa entre escolaridade e o medo do crime, de modo que quanto maior é o grau de escolaridade do respondente, menos intensa é a sensação experimentada de medo. De forma mais específica, ter estudado até o ensino básico reduz, em média, 7,2 pontos na escala geral de medo em relação às demais faixas de escolaridade. Nesse mesmo sentido, o indivíduo que possui o ensino fundamental completo ou incompleto tem 12,4 pontos a menos; o com ensino médio completo ou incompleto tem 17,9 pontos a menos; e o que possui curso superior completo ou incompleto tem 20,3 pontos a menos na escala geral de medo do crime em relação às demais faixas de escolaridade. Miceli, Roccatto e Rosato (2004) constatarem relação semelhante na Itália, em estudo sobre a percepção do risco. É possível que esses resultados indiquem a dimensão racional do medo do crime, na medida em que um maior grau de conhecimento crítico sobre as fontes de informação e a realidade contextual minimiza a sensação de insegurança.

Com relação à renda, observamos que indivíduos que possuem renda familiar superior a quatro salários mínimos têm 5,3 pontos a menos na escala geral de medo do crime em relação aos indivíduos com renda familiar inferior a quatro salários. Esse dado nos serve na desconstrução da ideia de que pessoas mais abastadas são mais temerosas em relação à criminalidade que aquelas que possuem renda mais baixa. Miceli, Roccatto e Rosato (2004) sugerem que

a relação entre renda e insegurança pode mostrar a importância de habilidades objetivas dos indivíduos ao lidar com o medo do crime, onde talvez os pobres tenham mais medo por disporem de menor poder aquisitivo para se utilizar de outros meios de segurança que não os públicos.

Na análise da relação entre as características do ambiente físico e a sensação de medo, percebemos que apenas três dos seis componentes da variável se apresentam como bons preditores: a iluminação pública, o acabamento das fachadas e o estado de conservação dos espaços públicos comuns (praças, mirantes, corredores e afins). Cada um desses componentes reserva uma relação negativa com o fator geral de medo do crime, de modo que o aumento de 1 ponto na escala de avaliação da qualidade da iluminação pública reflete uma diminuição de 0,82 ponto na escala geral de medo do crime. Esse mesmo princípio se aplica à avaliação do acabamento das fachadas (redução de 0,38 ponto para cada 1 ponto a mais na avaliação do indicador) e do estado de conservação dos espaços públicos (redução de 0,59 ponto para cada 1 ponto a mais na avaliação do indicador). Em síntese, uma avaliação positiva desses três componentes está associada a uma queda na intensidade do medo do crime experimentado pela população do bairro de Benedito Bentes. Esses resultados também correspondem às tendências descritas pelos principais estudos que exploram a relação entre os componentes infraestruturais dos bairros e a sensação de medo (CECCATO, 2011).

Cinco dos seis recursos de autoproteção selecionados se apresentaram como bons preditores do medo do crime: cercas elétricas; portão eletrônico; cão de guarda; arma de fogo; e habilidades de autodefesa. Desses indicadores, o cão de guarda apresentou melhor resultado, de modo que aqueles indivíduos que relataram dispor de um cão têm 15,4 pontos a menos na escala geral de medo que aqueles que relatam dispor de qualquer outro recurso de autoproteção. Os que dispõem de alguma habilidade de autodefesa possuem 5,3 pontos a menos na escala de medo, seguidos daqueles que dispõem de cercas elétricas em suas residências, que possuem 4,4 pontos a menos na escala geral de medo do crime. Já os indivíduos que relataram dispor de uma arma de fogo possuem

0,33 pontos a menos na escala de medo em relação àqueles que dispõem de outro recurso de autoproteção. Não podemos afirmar com propriedade que o cão de guarda seja mais efetivo que uma arma de fogo no quesito “redução da sensação de medo”. É preciso entender que este resultado pode ter sido condicionado pela facilidade em ter acesso ao recurso (é muito mais fácil conseguir um cão de guarda a uma arma de fogo), a despeito da significância estatística obtida a partir do número de respondentes que alegaram dispor de uma arma.

Entre os componentes considerados na estimativa do grau de integração comunitária, apenas confiança e disponibilidade entre vizinhos obtiveram significância estatística, ou seja, mostraram-se bons preditores do medo do crime. Como podemos observar, o aumento de uma unidade na avaliação da confiança e da disponibilidade entre vizinhos implica, respectivamente, uma queda de 0,56 e 0,32 ponto na escala geral de medo do crime. Portanto a relação que se observa entre esses componentes e o medo do crime é também uma relação negativa, de modo que quanto mais confiáveis e disponíveis se apresentam entre si os indivíduos de uma dada vizinhança, menos inseguros eles se sentem em relação ao crime. Enquanto autores como Villarreal e Silva (2006) sugerem que laços sociais podem potencializar o medo do crime na forma daquilo que eles denominam “vitimização vicária”, os resultados deste trabalho mostram como uma comunidade mais coesa, com maior confiança e disponibilidade entre os seus residentes pode gerar um sentimento de maior segurança, a despeito da ocorrência real de crimes na localidade.

Das instâncias de segurança pública cuja atuação foi avaliada pelos respondentes, somente se apresentaram como boas preditoras do medo do crime as Polícias Civil e Militar. A exemplo do que verificamos em relação à variável “grau de integração comunitária”, a avaliação institucional também reserva uma associação negativa com o fator geral de medo de crime: o aumento de 1 ponto na avaliação da atuação da Polícia Civil representa uma diminuição de 0,56 ponto na escala de medo, enquanto que esse mesmo acréscimo de 1 ponto na avaliação da Polícia Militar reflete uma diminuição de 0,88 ponto nessa mesma escala de medo. Neste caso, acreditamos

que os resultados estejam associados à percepção da presença dessas instâncias nas localidades onde residem os respondentes. Ou seja, se a Polícia Militar se faz mais presente no bairro, para aqueles que ali residem, é muito mais fácil avaliar sua atuação em detrimento da atuação de outras instâncias de segurança pública que se fazem menos presentes.

Os eventos de desordem social também foram considerados no presente estudo como preditores do medo do crime. Contudo, observamos que dos seis indicadores selecionados, três demonstraram algum potencial preditivo, a saber, o vandalismo, a venda de drogas ilícitas e o consumo de drogas ilícitas. Cabe reiterar que a frequência desses eventos foi avaliada a partir de uma escala de 0 a 100, sendo 0 equivalente a “nula” e 100, a “constante”. Na análise da relação entre esses componentes e o fator geral de medo do crime, percebemos que o aumento de uma unidade na frequência dos eventos de vandalismo representam um aumento de 0,94 ponto na escala de medo. No caso da venda de drogas, o aumento de uma unidade representa um aumento de 0,88 ponto na mesma escala. Quanto ao consumo de drogas ilícitas, o aumento é de 0,80 ponto na escala geral de medo do crime para cada 1 ponto na frequência percebida desses eventos. Aqui também contemplamos correspondências com a literatura especializada: Hughes et al. (2002) e La Grange et al. (1992), por exemplo, concluem que os eventos de desordem social exercem efeitos intervenientes sobre o medo do crime através de efeitos indiretos da percepção de risco. Os autores afirmam que essa relação apresenta forte consistência teórica, uma vez que, seguindo uma lógica de causalidade e precedência temporal, é através da presença dos sinais de desordem da vizinhança que se cria a percepção de que a vizinhança é insegura ou que a ação criminosa é iminente, elevando, conseqüentemente, a sensação de medo do crime.

Por fim, entre os indicadores do acesso aos meios de comunicação como fonte de informação sobre crimes, selecionamos para este estudo a televisão, o rádio e a internet. Apenas este último indicador demonstrou significância estatística, portanto, demonstrou potencialidade preditiva sobre o fator geral de medo do crime. Os dados mostram que indivíduos

que se informam sobre crimes pela internet possuem 8,3 pontos a mais na escala de medo em relação àqueles que se utilizam de outros meios como fontes de informação. Muito embora esses resultados apresentem uma notável dimensão dos efeitos da internet sobre o fator geral de medo do crime, reconhecemos que ainda não é possível afirmar que consumo de informações que relatam fatos criminosos fornecidos por esse meio de comunicação aumente a sensação de medo de crime na população do bairro de Benedito Bentes.

Como podemos observar no modelo 2, a exclusão dos indicadores sem significância estatística em nada (ou pouco) alterou os efeitos dos demais e seu ajuste ( $R^2$  ajustado = 0,43), se comparado com o modelo 1 ( $R^2$  ajustado = 0,43). Também verificamos que, tal como descrito pelo modelo 3, as cinco variáveis que apresentam maior poder preditivo em relação ao medo do crime são “sexo”, “raça/cor”, “(dispor de) cão de guarda”, “(dispor de) habilidades de autodefesa” e “(ter acesso a) internet”. Juntas, foram capazes de explicar 22% da sensação geral de medo do crime obtida em relação às demais variáveis presentes nos modelos 1 e 2.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, percebemos que o medo do crime não pode ser entendido como um produto definido ou como uma consequência trivial da criminalidade percebida. É preciso analisá-lo como um resultado de processos intercalados, cuja explicação reside nos sentidos das relações sociais, nas condições infraestruturais de vida dos indivíduos e na forma como o crime se expressa na coletividade. Trata-se de um objeto que se constrói a partir da própria dinâmica da realidade social e histórica e, sobretudo, da forma como as pessoas percebem e se informam sobre a criminalidade nos contextos onde se encontram inseridas.

Observamos que o medo expresso pelos residentes de Benedito Bentes está preponderantemente associado a elementos de ordem contextual relacionados ao perfil sociodemográfico, à disposição de recursos de autodefesa e ao acesso às fontes de informação sobre crimes. Entendemos que esse tipo de medo não

está relacionado apenas aos caracteres tradicionais de vitimização direta ou indireta, mas também a eventos de desordem física e social. Esses elementos confluem em uma percepção geral sobre a criminalidade no bairro, que também se alimenta da avaliação negativa das instâncias responsáveis pela segurança pública e do baixo grau de integração comunitária.

Reconhecemos que este trabalho possui limitações, sobretudo relacionadas à medida geral de medo do crime. Em última instância, o que esperamos é que esta pesquisa auxilie pesquisadores em estudos futuros que se propõem a alcançar um indicador que mensure o medo, antes que percepção de risco, probabilidade, ou até mesmo o crime propriamente dito.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, V. M. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BEATO, C.; PEIXOTO, B. T.; ANDRADE, M. V. Crime, oportunidade e vitimização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, p. 73-89, 2004.

BRANTINGHAM, P.; BRANTINGHAM, P. Environment, routine and situation: toward a pattern theory of crime. **Advances in Criminological Theory**, v. 5, n. 2, p. 259-294, 1993.

CAMINHAS, D. A. **Medo do crime**: uma análise exploratória sobre suas causas em Minas Gerais, 2009. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

CECCATO, V. **The urban fabric of crime and fear**. Dordrecht: Springer, 2011.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência 2018**. 2018. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8398/1/Atlas%20da%20violência\\_2018.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8398/1/Atlas%20da%20violência_2018.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2019.

CORDNER, G. **Reducing fear of crime**. [s. l.]: [s. n.], 2016.

CRAWFORD, A. et al. **Crime and insecurity**. New York: Routledge, 2013.

DITTON, J. et al. From imitation to intimidation: a note on the curious and changing relationship between the media, crime and fear of crime. **The British Journal of Criminology**, v. 44, n. 4, p. 595-610, 2004.

FIELD, A. **Descobrimos a estatística usando o SPSS**. Tradução de Lorí Viali. 2ª ed. Ponto Alegre: Artmed, 2009.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Brasília: FBSP, 2019.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Brasília: FBSP, 2015.

HENIG, J.; MAXFIELD, M. G. Reducing fear of crime: strategies for intervention. In: HENIG, J.; MAXFIELD, M. G. (Eds.). **The fear of crime**. New York: Routledge, 2017. p. 489-505.

HUGHES, G. et al. **Crime prevention and community safety: new directions**. New Jersey: Sage, 2002.

HUNTER, A. Symbols of incivility: social disorder and fear of crime in urban neighborhoods. In: **Annual meeting of the American criminological society**, Dallas. 1978.

IBGE. **Censo**. 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

LAGRANGE, R. L. et al. Perceived risk and fear of crime: role of social and physical incivilities. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, n.29, v. 3, p. 311-334, 1992.

LEWIS, D. A.; SALEM, G. W. **Fear of crime**. New York: Transaction Publishers, 2017.

MAJELLA, G. **Maceió em Guerra**: exclusão social, segregação e crise da segurança pública. Recife: [s. n.], 2019.

MICELI, R.; ROCCATO, M.; ROSATO, R. Fear of crime in Italy: spread and determinants. **Environment and Behavior**, n. 36, p. 776-789, 2004.

NASCIMENTO, F. L. Insegurança, proteção vicinal e controle social nas cidades brasileiras. **Revista Transgressões**, v. 7, p. 61-77, 2019.

NASCIMENTO, E. O.; GAUDENCIO, J. C. Homicídios em Alagoas: desafios e evidências empíricas. **Latitude**, v. 7, p. 109-132, 2013.

NASCIMENTO, E. O.; NASCIMENTO, F. L. Crescimento e regionalização da violência homicida no Nordeste. In: NASCIMENTO, E. O.; MARQUES, V. T. (Orgs.). **Segurança Pública: perspectivas, práticas e discursos**. Santa Cruz do Sul, RS: Esere Nel Mondo, 2019, p. 33-53.

SILVA, B. F. A.; BEATO FILHO, C. C. Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, p. S155-S170, 2013.

UNODC. **Global study on homicide**. Disponível em <<http://www.unodc.org/gsh/>>. Acesso em 05 out. 2014.

VALERA, S.; GUARDIA, J. Perceived insecurity and fear of crime in a city with low-crime rates. **Journal of Environmental Psychology**, v. 38, p. 195-205, 2014.